

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu
Inmo Yang



14 + 15 dez 23

14 dez 23 QUINTA 20:00

15 dez 23 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Inmo Yang Violino

Kaija Saariaho

Ciel d'hiver

c. 10 min.

Jean Sibelius

Concerto para Violino e Orquestra,
em Ré menor, op. 47

c. 35 min.

1. *Allegro moderato*
2. *Adagio di molto*
3. *Allegro, ma non tanto*

INTERVALO

Olivier Messiaen

Le Tombeau resplendissant

c. 16 min.

Claude Debussy

La mer

c. 23 min.

1. *De l'aube à midi sur la mer*
2. *Jeux de vagues*
3. *Dialogue du vent et de la mer*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 MIN.

INTERVALO DE 20 MIN.

Kaija Saariaho

(Helsínquia, 1952 – Paris, 2023)

Ciel d’hiver

—

COMPOSIÇÃO 2013

ESTREIA Paris, 7 de abril de 2014

DURAÇÃO c. 10 min.

A recentemente desaparecida Kaija Saariaho é uma referência da contemporaneidade. A sua abordagem à música abrange um largo espectro, em que o acústico e o eletrónico se misturam. *Ciel d’hiver* foi composto em 2013 e resultou de uma encomenda da associação Musique Nouvelle en Liberté, uma instituição que visa promover a música dos nossos dias. A peça resulta de um arranjo do segundo andamento de *Orion*, obra para grande orquestra composta em 2002. *Ciel d’hiver* estreou a 7 de abril de 2014, no Théâtre du Châtelet. Os protagonistas foram a Orchestre Lamoureux, dirigida por Faycal Karoui. Uma nota grave e sustentada cria o espectro sonoro em que se desenrola *Ciel d’hiver*. A um campo aparentemente estático e definido pelo timbre, possivelmente próximo das paisagens sonoras eletrónicas, Saariaho adiciona camadas de sons contrastantes. Assim, o timbre e as

dinâmicas são elementos centrais numa obra que concilia cinética e imobilidade. A oscilação entre frequências estabelece o cenário para o flautim apresentar melodias sinuosas sobre o elemento primordial, que é pontuado pelo brilho da percussão. Esses motivos transitam para as cordas, tornando-se mais angulares. A oscilação dos materiais entre duas notas, os *crescendi* e *diminuendi*, o adensamento e a rarefação da textura sucedem-se, apoiados pelos sons metálicos da percussão e pelos instrumentos de sopro de bocal. Neste contexto, massas sonoras indefinidas no registo agudo e no registo grave contraem-se sobre elementos melódicos interpretados no registo médio. Um longo decrescendo prepara a entrada do piano, que repete um padrão apoiado pelo registo agudo dos instrumentos de cordas. A entrada de um solo de violoncelo prepara o final da obra, cuja textura se torna mais esparsa até à rarefação final.

Jean Sibelius

(Hämeenlinna, 1865 – Järvenpää, 1957)

Concerto para Violino e Orquestra, em Ré menor, op. 47

COMPOSIÇÃO 1903-04, rev. 1905

ESTREIA Berlim, 19 de outubro de 1905

DURAÇÃO c. 35 min.

Jean Sibelius ficou conhecido para a posteridade enquanto cultor do nacionalismo tardo-romântico finlandês. Todavia, o seu percurso retrata a fluidez identitária desse território a partir da segunda metade do século XIX. A Finlândia estava integrada no Império Russo e Sibelius pertencia a uma minoria de língua sueca. A década de 90 do século XIX foi um período fulcral para Sibelius, quando este desenvolveu o estilo pelo qual ficou internacionalmente reconhecido. A primeira versão do Concerto para Violino foi escrita entre 1903 e 1904 e estreada a 8 de fevereiro de 1904, sob a direção do compositor. A peça foi profundamente revista pelo compositor no ano seguinte, tendo estabelecido a sua versão atual estreada em Berlim a 19 de outubro de 1905, com o maestro Richard Strauss. Sibelius estudou violino e procurou conciliar o virtuosismo concertístico com modelos ditos nacionalistas ligados às suas sinfonias e poemas sinfônicos. Aqui, Sibelius mistura o tardo-Romantismo com elementos primitivistas associados ao Modernismo emergente. No Concerto para Violino, op. 47, o solista desempenha um papel estruturante no desenrolar da obra, evidenciado por um primeiro andamento em forma sonata que atribui primazia ao solista. Os *tremolos* das cordas (por vezes com surdina) e a sobreposição

de harmonias sobre uma nota pedal são traços recorrentes ao longo do primeiro andamento do concerto. Exposições de materiais temáticos instáveis lançam as bases para o virtuosismo, exacerbado nas cadências solistas. O primeiro grupo temático apresenta uma melodia de sabor tradicional e o segundo a aplicação virtuosística das cordas dobradas pelo solista. Contrastando com a complexidade formal do primeiro andamento, o *Adagio* expõe uma longa e expressiva melodia *cantabile*, que é ornamentada e alterada nas suas repetições, de forma a destacar o papel do violinista. O último andamento, de feição mais localista, remete para uma atmosfera de rusticidade em que os dois grupos temáticos desta forma sonata transformada se baseiam em *ostinati* e são inspirados em enérgicas danças populares. Sibelius apresenta, ornamenta e expande os temas recorrendo a técnicas variadas, como os harmônicos e as cordas dobradas. Neste final, o compositor atribuiu alguma primazia ao primeiro grupo temático. Contudo, a estrutura é determinada pelas apresentações da melodia pela orquestra e pelo solista, terminando com uma coda altamente virtuosística. Neste concerto, as convenções são expandidas e alteradas por Sibelius, que demonstra a fluidez da sua abordagem aos géneros herdados do passado.

Olivier Messiaen

(Avignon, 1908 – Paris, 1992)

Le Tombeau resplendissant

—

COMPOSIÇÃO 1931

ESTREIA Paris, 12 de fevereiro de 1933

DURAÇÃO c. 16 min.

A produção musical europeia do pós-Segunda Guerra Mundial foi marcada por Olivier Messiaen. As suas aulas no Conservatório de Paris atraíram compositores das vanguardas emergentes e o seu estilo inspirou o serialismo múltiplo. Em *Le Tombeau resplendissant*, encontramos um jovem Messiaen. Na época, o compositor tinha saído do Conservatório de Paris, sendo então organista na Igreja da Santíssima Trindade, na mesma cidade, cargo que ocupou durante seis décadas. *Le Tombeau resplendissant* foi escrito em 1931 e estreado a 12 de fevereiro de 1933, pela Orquestra Sinfónica de Paris, dirigida por Pierre Monteaux. A obra lança-se com um motivo descendente, cinético e afirmativo dos metais e percussão. Os *ostinati* das cordas são pontuados pelos instrumentos de sopro em jogos de alternância. O motivo inicial é repetido e misturado com padrões ritmicamente assimétricos, prenunciando

a produção mais tardia de Messiaen. A atmosfera primitivista, tão em voga na Paris da década de 30, é interrompida por uma pausa dramática pontuada pela percussão. Segue-se uma secção intermédia, marcada pelo lirismo das melodias dos violinos e violas. Um solo ondulante de flauta emerge, acompanhado pelas cordas em *divisi*, que se apropriam dessa melodia. A troca de motivos entre o oboé e o clarinete, aos quais se juntam as trompas e flautas, conduz a uma passagem centrada em duas notas. Nela, pontificam o oboé e a trompete, aos quais se juntam o clarinete e a flauta. A atmosfera inicial retorna, com uma apresentação brilhante e luminosa do elemento descendente, apresentado numa intensa dinâmica. Após outra pausa, entramos numa secção lírica e contemplativa conduzida pelas violas e violoncelos, sobre notas prolongadas. É com essa quietude estática e rarefeita que termina *Le Tombeau resplendissant*.

Claude Debussy

(Saint-Germain-en-Laye, 1862 – Paris, 1918)

La mer

—

COMPOSIÇÃO 1903-05, rev. 1908

ESTREIA Paris, 15 de outubro de 1905

DURAÇÃO c. 23 min.

A obra de Debussy afastou-se, desde cedo, da expressividade romântica. O tríptico sinfônico *La mer* ocupa um lugar de destaque nesse distanciamento, pois contribuiu, de forma marcante, para o reconhecimento internacional do compositor. *La mer* foi composto entre 1903 e 1905 e estreado a 15 de outubro de 1905 pela Orquestra dos Concertos Lamoureux, sob a direção de Camille Chevillard. Na altura, foi recebido friamente pela crítica, o que pode ter motivado uma revisão, publicada em 1910. Enquanto escrevia *La mer*, Debussy assinava crítica musical no *Gil Blas* e descobria e promovia as tradições musicais do passado francês. Nelas, o compositor via uma forma de regenerar a música do seu país no rescaldo da Guerra Franco-Prussiana. *La mer* enquadra-se num contexto de pioneirismo modernista. Foi com esta obra que se instituiu e propagou a rotulação do compositor como “impressionista,” uma importação direta de categorias das artes visuais na música. Essa designação é problemática, pois o compositor mantinha fortes ligações a poetas simbolistas e parnasianos. Mesmo assim, Debussy referiu essa designação em diversos momentos

da vida, fazendo-a perdurar.

La mer aparenta encarnar a tradição da música programática do Romantismo, mas transforma-a através de um prisma modernista. O suporte narrativo fornecido pela tonalidade tonal e pelo desenvolvimento temático é substituído pela adição e subtração de planos sonoros, nos quais o timbre ocupa um lugar central. Paralelamente, as melodias ondulantes e o ritmo elástico, em que a pulsação flutua, apontam para novos paradigmas. *La mer* tem início com *De l'aube à midi sur la mer*, um andamento baseado na sucessão e sobreposição de episódios. Melodias pentatônicas ondulantes e conjuntos particulares de timbres emergem e submergem numa forma orgânica. A atmosfera etérea de *Jeux de vagues* retoma alguns motivos do andamento anterior, que interagem com novos elementos, o que cria um espaço sonoro tridimensional que evoca o movimento dos mares. A obra termina com *Dialogue du vent et de la mer*, episódio mais enérgico no qual fragmentos melódicos, por vezes na escala de tons inteiros, se entrelaçam e são sublinhados por uma orquestração colorida e contrastante.

NOTAS DE JOÃO SILVA

Hannu Lintu

O maestro finlandês Hannu Lintu é o atual Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia. Reafirmando a sua mestria nos domínios sinfónico e operático, estas responsabilidades são o corolário dos grandes sucessos obtidos em concertos com a Orquestra Gulbenkian, bem como na liderança de produções de ópera como *Salome* de R. Strauss, *Turandot* de Puccini ou *Billy Budd* de Britten. Ao longo da temporada 2023-24, Lintu dirigirá, na Finlândia, a ópera *O Crepúsculo dos Deuses* de Wagner, *Dialogues des Carmelites* de Poulenc e *Don Giovanni* de Mozart. Outros destaques incluem estreias à frente da Filarmónica de Berlim, da Sinfónica NHK e da SWR Symphonieorchester, e novas colaborações com a Sinfónica de Boston, a Sinfónica de Chicago, a Orchestre de la Suisse Romande, a Orquestra do Minnesota, a Sinfónica Nacional da RAI e o Festival Internacional George Enescu. Hannu Lintu gravou para as editoras Ondine, BIS, Naxos, Avie e Hyperion. A sua discografia recebeu vários prémios, incluindo dois ICMA para os Concertos para Violino de Béla Bartók, com Christian Tetzlaff, e para a gravação de obras de Sibelius, com Anne Sofie von Otter. Estas duas gravações, bem como *Kaivos*, de E. Rautavaara e os Concertos para Violino de Sibelius e de T. Adès, com Augustin Hadelich e a Royal Liverpool Orchestra, foram nomeados para os prémios *Gramophone* e *Grammy*. Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Inmo Yang

Vencedor da edição de 2022 do Concurso de Violino Jean Sibelius, o sul-coreano Inmo Yang recebeu também um prémio pela melhor interpretação de uma obra encomendada a Magnus Lindberg. Em 2015 venceu o 54.º Concurso Internacional de Violino “Premio Paganini”, em Génova, a primeira vez que o 1.º prémio foi atribuído desde 2006. Foi também galardoado com os seguintes prémios especiais: o mais jovem finalista, a melhor interpretação de uma peça contemporânea original, o prémio do público e um recital especial em Génova com o violino Guarneri Del Gesu do próprio Paganini. Estreou-se no Weill Recital Hall, do Carnegie Hall de Nova Iorque, na qualidade de vencedor do concurso Concert Artists Guild. Em seguida, foi convidado a atuar no Boston Symphony Hall, no Kravis Center for the Performing Arts e nos festivais de Ravinia e Marlboro. Inmo Yang tem colaborado com maestros de renome internacional como Marin Alsop, Myung-Whun Chung, James Gaffigan, Neeme Järvi, Fabio Luisi, Sakari Oramo, David Robertson, John Storgårds e Osmo Vänskä. Iniciou a temporada 2023-24 com a Orchestre de la Suisse Romande e a Philharmonia Orchestra, seguindo-se uma digressão na Coreia do Sul, com a Filarmónica de Hong-Kong, e várias estreias que incluem a Orquestra Gulbenkian, a Sinfónica de Stavanger, a BBC NOW e a Auckland Philharmonia. Inmo Yang estudou com Namyoon Kim na Universidade das Artes da Coreia, com Miriam Fried no New England Conservatory of Music, em Boston, e com Antje Weithaas na Hochschule für Musik Hanns Eisler, em Berlim. Estuda atualmente na Academia Kronberg com Antje Weithaas. Toca um violino G. B. Guadagnini (Turim), por amável empréstimo da Bear’s International Violin Society e da International Jean Sibelius Violin Competition.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, sucedendo a Lorenzo Viotti.

Orquestra Gulbenkian

PRIMEIROS VIOLINOS

Erik Heide CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Flávia Marques
Catarina Ferreira
Matilde Araújo
Piotr Rachwall

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Cecília Branco 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Asilkan Pargana
Miguel Simões
Félix Duarte

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Maia Kouznetsova
Nuno Soares
Sara Moreira
Maria Inês Monteiro
Sara Farinha
Márcia Marques
Raquel Noemi

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA
Marco Pereira 1º SOLISTA
Martin Henneken 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Raquel Reis
Gonçalo Lélis
Hugo Paiva
João Valpaços

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rego 2º SOLISTA
José Trigo 1º SOLISTA*
Marine Triolet
Miguel Menezes
Diogo Pereira

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Anabela Malarranha 2º SOLISTA*
Ana Filipa Lima 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE
Roberto Erculiani 2º SOLISTA*
Rodrigo Vasques 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Telma Gomes 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Pereira 1º SOLISTA*

Luís Campos 2º SOLISTA*

Pedro Gonçalves 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 2º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Cristiano Rios 2º SOLISTA*

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

André Castro 2º SOLISTA*

HARPAS

Ana Aroso 1º SOLISTA

Ana Ester Ramos 2º SOLISTA*

PIANO

Inês Mesquita 1º SOLISTA*

CELESTA

Mrika Sefa 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

Ricardo Pereira

16 dez 23

SÁBADO 19:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Jordi Savall

Hespèrion XXI

Jordi Savall

Rabeca, Viola da gamba e Direção

ISTAMBUL 1700

Dimitrie Cantemir (1673-1723)



Jordi Savall © DAVID IGNAŠEWSKI

18 dez 23

SEGUNDA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Solistas da Orquestra Gulbenkian

Rui Fernandes Trombone

Tera Shimizu Violino

Jorge Teixeira Violino

Miguel Simões Violino

Martin Henneken Violoncelo

Manuel Rego Contrabaixo

Sérgio Silva Órgão positivo

C. Monteverdi, D. Castello,
H. Purcell, M. Uccellini, G. P. Cima,
B. Marini, G. Ligeti, G. Gabrieli,
J. Pachelbel, A. Bertali

20 — 22 dez 23

QUARTA, QUINTA 20:00 / SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Oratória de Natal

Coro e Orquestra Gulbenkian

Florian Helgath Maestro

Johanna Winkel Soprano

Marianne B. Kielland Meio-Soprano

Tilman Lichdi Tenor

Krešimir Strazanac Baixo-Barítono

Johann Sebastian Bach

31 dez 23

DOMINGO 17:00

IGREJA DE S. ROQUE, LISBOA

Coro Gulbenkian em São Roque

Inês Tavares Lopes Direção

Sérgio Silva Órgão

Raquel Reis Violoncelo

Johann Sebastian Bach,
Felix Mendelssohn-Bartholdy,
Johann Christoph Bach

**Se não puder
vir a um concerto,
ofereça o seu bilhete.**

**90% dos lugares vazios
no Grande Auditório
correspondem a
bilhetes comprados.**



**GULBENKIAN
MÚSICA**

GULBENKIAN.PT

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

